

Sessão de Abertura



20º Estoril Political Forum

Num mundo em que tudo muda demasiado depressa, a longevidade de uma ideia, de um projeto, não deixa de ser algo merecedor de registo.

É com gosto que aqui volto ao Hotel Palácio para a abertura de mais um Estoril Political Forum. Como presidente da Câmara Municipal de Cascais, faço-o com uma satisfação muito especial porque este é também um momento especial para os nossos amigos do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica.

Num mundo em que tudo muda demasiado depressa, no mundo em que nos tentam embalar na espuma dos dias, a longevidade de uma ideia, de um projeto, não deixa de ser algo merecedor de registo.

Ao longo de 20 anos, este fórum foi capaz de se assumir como um referên-



POR
**Carlos
Carreiras**

Presidente da Câmara
Municipal de Cascais

cia internacional no meio académico e político. Por aqui passaram milhares de alunos e centenas de professores de todas as academias e de todas as tradições sociais, culturais e políticas. Ao longo de 20 anos, muitas ideias e muitas discussões tiveram lugar num fórum que, ano após ano, tem o mérito de renovar o nosso interesse pelas grandes questões

da atualidade. Em nome da Câmara Municipal de Cascais felicito o Instituto de Estudos Políticos pelos vigorosos 20 anos deste Encontro e esperamos encontrar-vos por cá nos próximos 20. Temos tido a feliz oportunidade de, aqui em Cascais, acompanhar o crescimento e a evolução deste Fórum. Um fórum que compreende bem o espírito de Cascais e do Estoril.

Sei que para muitos de vós que aqui estão, trata-se de um regresso ao Estoril. E, quanto a esses nossos distintos convidados, tenho a certeza de que sabem do que estou a falar. Contudo, para os que só agora se juntam ao Fórum, gostaria apenas de dizer o seguinte sobre este território.

Houve três momentos que marcaram o espírito do Estoril. A Guerra Ci-

vil Espanhola; a Investida Nazi na Europa e, por fim, a Marcha de ocupação do Exército Vermelho. Em todos estes momentos, diferentes povos da Europa subjugada à guerra e à opressão fizeram a mesma pergunta: para onde fugir?

A geografia, as comunicações e o ambiente político da Europa da época não deixavam muitas opções. A América surgia sempre como farol de liberdade para a maioria. Mas para chegar à América era preciso chegar ao Atlântico. E para chegar ao Atlântico era necessário chegar ao maior porto para essa auto-estrada de liberdade: Lisboa. Foi nestas circunstâncias que centenas de milhares de europeus, dos mais humildes aos mais endinheirados, chegaram a Portugal criando uma enorme pressão na capital. Apanhar um barco podia, na época, demorar 40 ou 50 dias. Era preciso encontrar um lugar para ficar. Para os nobres e aristocratas, era preciso um pouco mais do que isso.

Já na altura, assumindo-se como uma estância turística de referência, Cascais exercia um certo fascínio, um certo magnetismo, sobre essa aristocracia que por aqui se foi instalando. A proximidade ao Atlântico, a beleza das praias, a qualidade dos hotéis eram fatores suficientemente convidativos para se ficar por aqui. Mas havia mais do que isso. Talvez o fator decisivo: as pessoas de Cascais.

Portugal era, nessa altura, um país fechado, bafiento. Mas aqui, em Cascais, respirava-se outro ar. Um ar fresco que alimentava, num ciclo virtuoso, quem nos visitava e quem era visitado. Foi assim que Cascais e o Estoril tiveram, durante a segunda guerra mundial, mais Reis sem Coroa do que Hotéis de 5 estrelas. Porque nos assumimos como um espaço de acolhimento e de tolerância. Mas especialmente como um espaço de esperança e de sonhos.

Temos em Cascais a tradição de receber e participar em algumas das mais importantes discussões da atualidade. Temos gosto nisso. Fazemos questão nisso. De ser uma janela do mundo e para o mundo. De discutir o que há para discutir. E há poucos locais melhores do que este Fórum para o fazer.

Sejam, por isso, bem-vindos a esta que é a nossa mas que é também a vossa casa. Sejam bem-vindos a Cascais e ao Estoril: um sítio onde gostamos mesmo de discutir ideias. ■



POR
Manuel Braga da Cruz

Reitor da Universidade Católica Portuguesa

Gostaria de dar as boas-vindas a todos os participantes e desejar o melhor sucesso para esta nova edição do Estoril Political Forum.

Ao longo destes dias iremos falar sobre “Sociedades abertas, economias abertas e cidadania”, precisamente num momento em que enfrentamos uma profunda crise económica e financeira em Portugal e na Europa. Basicamente, a crise em que vivemos demonstrou uma falta de valores, o que significa que estamos, na realidade, perante uma crise moral. Na origem da presente crise encontramos uma ausência de responsabilidade, um conceito errado de liberdade, uma falta de regulação internacional e de autoridade pública.

O maior problema da globalização é a necessidade de uma autoridade internacional, de modo a assegurar que a globalização seja não só um processo económico e financeiro mas também um processo político e cultural.

Ao longo destes últimos dias temos vindo a falar sobre um desenvolvimento sustentável. Mas sabemos que é impossível conceber esta sustentabilidade sem uma dimensão cultural e moral, sem uma visão integral do homem, sem uma cidadania global. É impossível alcançar um grande nível de abertura das nossas sociedades e economias sem uma cidadania alargada, sem sociedades civis fortes, sem uma cultura cívica radicada, baseada numa liberdade institucional e pessoal generalizada. Assim, está correcta a intuição dos promotores desta iniciativa, de que a cidadania é uma con-

dição prévia para termos sociedades e economias abertas, a todos os níveis da vida pública, o que significa não só a um nível global, mas também a um nível regional e local.

Olhando para a história do conceito, cidadania significa, antes de mais, liberdade cívica mas, com o tempo, adquiriu também o significado de participação política e solidariedade social. Isso significa que a sociedade aberta e uma economia aberta só podem ser alcançadas com liberdade cívica, com participação política e com solidariedade social. Esta cidadania aberta tem de ser um conjunto equilibrado de direitos e deveres, e não apenas uma reivindicação de direitos sem responsabilidade social.

Existe uma concepção de direitos muito útil, que aponta para o estado como principal provedor de direitos. A cidadania incide primordialmente sobre a sociedade e a economia e, apenas a um nível secundário, sobre o estado. A subsidiariedade é um antigo princípio da Doutrina Social da Igreja mas é também hoje um valor europeu, expresso no Tratado de Maastrich.

A nossa principal responsabilidade social e económica incide sobre a construção desta cidadania.

Gostaria de esperar que estes dias possam contribuir para o reforço de uma nova consciencialização que permita uma maior abertura da nossa sociedade e da nossa economia. Muito obrigado pela vossa atenção e desejos do maior sucesso para este encontro internacional. ■